



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

LEOPOLDO

Autor(es)

TAMARA GRAZIELA DELFINO

Contos / Cricas

Leopoldo era um cara decente... Leopoldo só não saía muito na rua porque tinha medo das pessoas.

Era gente boa, apesar de ter poucos amigos, male má alguns conhecidos.

Era casado com Tereza, que foi uma grande bailarina na juventude. Tereza nunca jogou fora seus pertences de ballet, tinha um apego muito grande por todos aqueles objetinhos que agora nem cabiam mais em seu corpo gordo e flácido. Culpa do tempo, do casório, da idade e da tireoide.

Tinha um collant branco, que Leopoldo adorava vê-la usando.

Antigamente, antigamente...

Hoje em dia talvez aquilo nem passasse de sua cabeça, talvez até a cabeça tivesse inchado com o tempo.

Conheceram-se sem muita cerimônia, em uma quermesse da igreja do bairro.

Tereza em uma barraca de quentão e Leopoldo passeando à toa.

Um gracejo aqui, outro ali, até que trocaram endereços.

Saíam de vez em quando pra matinê do cinema da cidade, dando início ao primeiro toque de mãos, beijos curtos e estalados, essas coisas joviais de antigamente ou nem tão antigas assim.

O namorico não durou muito, os pais de Tereza eram pé no saco e logo deram o xeque-mate para o rapaz: — Ou casa ou então deixa pra lá essa história de namoro com Tereza.

Leopoldo era sério desde moleque, não tinha muita trela pra brincadeira. Pediu a mão da moça e de moradia ganhou uma casa do pai, uma casinha pequena, mas aconchegante.

Casório simples, na capelinha e no cartório. Ele de terno cinza e ela de vestido rosa. Quis vestir-se de rosa pra se lembrar da época em que era dançarina.

Época essa em que Leopoldo perdia horas e horas olhando sua amada dançar e girar e rodopiar e bambear como se fosse uma boneca flutuando no ar.

Como ele adorava aquilo. Batia palma freneticamente quando a moça curvava-se pra baixo encerrando o capítulo de dança.

Depois do matrimônio selado, Tereza teve que largar o ballet pra cuidar de casa, de fogão e roupa.

Às vezes, no meio de uma embriaguez de fim de semana entre os dois, Leopoldo perguntava se ela não sentia falta de dançar. O pobre umedecia os olhos lembrando-se da época em que a mulher dançava como um pardal. Ela murmurava que não, custava muito falar de tal assunto.

Não faziam o estilo “Casal 20”, mas se davam bem. Pelo menos era isso que se via da janela da casa dos dois.

Leopoldo trabalhava de balconista n’uma loja de parafusos no bairro. Tereza agora era a pacata dona de casa, de vez em quando costurava pra gente de fora na intenção de tirar um extra pra fazer uma fezinha no jogo do bicho ou comprar umas verduras na feira de sábado.

Viviam assim, no sossego do bairro pequeno da cidade.

Às vezes se via Leopoldo indo na padaria comprar meia dúzia de pão e tomar uma cachaça na quitanda da esquina.

Jogava um papo-fora com o dono da quitanda, falava sobre futebol, tacava o pau no preço das coisas e assim a prosa seguia cheia dessa ladainha que parecia ser a única coisa interessante pra se conversar.

Uma coisa engraçada era que na rua, Leopoldo era tão firme, carrancudo e de firme postura, mas em casa falava de um jeito tão molenga.

De uns tempos pra cá, o homem começara com uma mania estranha.

Vivia organizando as roupas da mulher, passava horas fuçando um baú em que Tereza guardava suas coisas antigas, sapatilhas,

vestidos, tiaras prateadas, entre outras coisas da juventude.

Um dia, quando Tereza saiu pra ir jogar conversa fora na casa da Vera - uma velha amiga -, Leopoldo encarregou-se (secretamente) de levar todas aquelas coisas pra fora de casa.

De primeiro instante a mulher nem deu falta pelo baú, mas depois começou a notar as escapadas do marido, que agora quase já nem conversava mais com ela. Chegava do trabalho, tomava uma ducha rápida e sumia de vista.

Tinha um quartinho nos fundos da casa, onde Leopoldo se trancava durante a noite e a única coisa que se escutava de lá era o chiado da vitrola e “Medo de Amar”, na voz da Elizeth Cardoso, rolando às pampas e repetidamente na agulha. Tereza começou a se irritar e se enjoar da música. Mas do Leopoldo ela ainda gostava.

Nunca teve curiosidade de saber o que o marido fazia lá no quartinho, nunca teve curiosidade até ele começar a sair de lá bêbado e falando com tom afeminado, dizendo nada com nada. Sentia-se incomodada, mas não imaginava má intenção do homem.

Só depois de muito aguentar as chalaças do marido, resolveu meter a cara na história e descobrir o quê o dito cujo fazia por lá.

Um dia mandou fazer uma cópia da chave do quartinho.

Todos os dias tentava criar coragem pra ir lá e abrir a porcaria da porta, descobrir de vez o que tinha de tão interessante que fazia com que o marido não saísse de lá. Sentia-se traída mesmo sem conhecimento de coisa alguma.

Depois de muito tempo sem acontecer nada na cidadezinha morta, veio a falecer uma senhora, a Dona Telma.

Tereza nem era próxima da velha, mas inventou que ia ao velório.

Planejou tudo: — Fingiria sair de casa e depois retornaria e pegaria o marido de surpresa no quartinho.

Plano traçado.

Era hoje que ela descobriria o que o Leopoldo fazia por lá.

Saiu de casa como quem não quer nada e foi tomar uma fresca pra se encorajar. Pensou, deu a volta pelo velório, olhou o movimento e desistiu do plano no meio do caminho.

Foi deixando pra lá a história de descobrir o que Leopoldo fazia.

Suportou por mais um tempo a curiosidade, até que n'outra semana criou coragem pra por um fim no mistério.

Inventou que iria à missa naquela quarta-feira. Missa de sétimo dia da Telma, que tinha morrido aos 89 anos, morreu de velhice, fumando igual uma chaminé todos os dias e comendo muita carne de porco gordurosa.

— Telma morreu saudável.

Arrumou-se, passou aquele perfume fétido e amadeirado que lembrava perfume de florzinha de beira de calçada. Florzinha que a minha mãe até hoje chama de “Dama da Noite”. Nunca perguntei o porquê desse nome, mas sempre me vêm à imagem de uma viúva alegre perambulando pela rua e dando o que falar por todo canto que passa, exalando seu perfume de velório.

— 18h30.

Terê já estava de saída.

Deu um beijo no marido e saiu segurando firme a bolsa, disse que antes ia passar na casa da Vera, pra não ir sozinha à missa.

Leopoldo não mudou sua feição, só consentiu e disse que se precisasse, ele a buscaria na igreja quando o sino badalasse o final da reza.

Ela disse que não carecia de nada, fechou a porta e foi-se embora de vez.

Deu um tempo na rua, foi até a casa da Vera que não ia à missa porque não gostava da Telma. Falaram mal da velha, e depois a Terê emendou: Tô perdendo a novela, deix'eu ir embora!

Chegou em casa em passo manco... Tudo escuro e lá no fundo a música maldita tocando: — "Porém não se surpreenda se uma outra mulher, nascer de mim, como no deserto uma flor..."

Foi chegando perto, pisando de mansinho pro marido não escutar os passos gordos a caminhar.

A vitrola tocava alto, era uma Telefunken sei lá que modelo.

Deu-se o encontro da chave na tranca... Girou devagar e colocou as mãos na maçaneta. Empurrou o corpo gordo contra a porta, deixando apenas uma fresta pro's olhos enxergarem a verdade.

Ali tinha: uma garrafa de conhaque, um copo americano e seu marido sentado de costas pra porta.

Abriu com tudo e gritou com os olhos arregalados: — O que tá fazendo, homi, o que tá fazendo?

Leopoldo assustou e enfiou a agulha no dedo! Pararam por alguns segundos, encarando um ao outro. Só a vitrola chiada e o silêncio dos dois faziam barulho naquele quartinho.

Entregou o collant costurado e refeito sob medida de um vestido que Terê sempre usava.

Um collant pra uma bailarina gorda.

— Dança pra mim? Leopoldo pediu.

Tereza colocou o collant, ressuscitou o corpo adormecido e voltou a gostar de Elizeth Cardoso.